

# A TELEVISÃO E A INFLUÊNCIA NEGATIVA DOS DESENHOS ANIMADOS NA FORMAÇÃO DAS CRIANÇAS

\*Genailson Pereira Cruz

\*Inêz Marques de Menezes Silva

\*Renato Ribeiro de Oliveira

\*Rosângela Bispo S. Silva

**RESUMO:** A televisão, desde sua criação, vem ocupando um espaço cada vez maior na vida das pessoas, tornando-se quase imprescindível, visto que permite a ligação do indivíduo com o mundo. Vários são os fatores que determinam sua programação, e a busca pelos diversos segmentos a serem explorados é uma constante. É tido que a televisão tornou-se hegemônica como meio de comunicação mais utilizado nos lares do mundo inteiro, sendo assistida principalmente por crianças. As crianças pequenas aceitam o que a televisão lhes mostra como sendo correto, pois, não possuem maturidade suficiente para discernir o real da fantasia, o certo do errado. A proliferação dos desenhos animados foi rápida e atualmente ocupa a maior parte da programação infantil. O objetivo principal desse artigo é conjecturar sobre a influência negativa dos desenhos animados na formação da criança em face do seu poder sedutor e da violência explícita neles apresentada.

**Palavras Chave:** Televisão, Desenho Animado, Violência, Público Infantil.

## INTRODUÇÃO

O rápido desenvolvimento dos meios de comunicação ao longo do século XX, modificaram a forma como vivemos hoje e ainda a forma como as crianças aprendem a passar o tempo. Atualmente a televisão é um dos instrumentos mais democráticos que existe, mais forte que um livro por mais bonito e interessante que seja, pois atinge todo o tipo de públicos, de uma forma portanto, mais vasta e sistemática. Transmite-nos uma cultura materializada em sons e imagens, representando assim, o mais extraordinário meio de comunicação de um século marcado pela tecnologia.

A televisão, em todo o mundo, cria programas para entreter, para transmitir notícias, para educar, mas, também cria programas que roubam a liberdade de pensamento e a espontaneidade dos telespectadores, pensando ela pelas crianças e, assim, estas, muitas vezes, se tornam inativas não permitindo que surja o processo de interação social, através de brincadeiras com outras crianças.

A Televisão no Brasil teve sua pré-estréia no dia 3 de Abril de 1950 com a apresentação de Frei José Mojica. As imagens não passaram do saguão dos Diários Associados, onde havia alguns aparelhos de TV instalados. A inauguração foi em 18 de setembro de 1950, em São Paulo (SP), através da TV Tupi canal 3. Depois desta foi inaugurada a TV Tupi do Rio de Janeiro, em 1951. No ano seguinte,

começaram a surgir várias outras emissoras como a TV Paulista.

A Rede Record de Televisão, fundada em 1953 na Cidade de São Paulo, é a mais antiga televisão brasileira em existência. Em abril de 1965, na Cidade do Rio de Janeiro, foi fundada a Rede Globo de Televisão, que se tornou a maior rede de televisão do Brasil.

Tudo era ao vivo na TV brasileira dos anos 1950 (o videoteipe só surgiria anos depois). Com poucas horas diárias de permanência no ar, em geral das 18 às 22h (horário nobre), a programação era bastante variada veiculando dramaturgia, musical, humorismo, jornalismo, programas infantis, esportes e variedades. Como não havia profissionais especializados em televisão, os redatores de rádio eram chamados em grande quantidade, o que deu à TV brasileira uma cara de “rádio com imagem” em seu início.

Programas de circo eram transpostos para o estúdio exatamente como se apresentavam no picadeiro. Para o público infantil havia sessões de desenhos animados, gincanas e competições.

O desenvolvimento acelerado da televisão faz dela o instrumento mais eficaz de contato com as pessoas, e de influência nas suas opções e idéias. As crianças nem sentem que estão ficando dependentes de uma coisa que pouco lhes ensina, mas que consegue lhes seduzir e influenciar. Isto porque

“ela cativa o espírito de forma total, apelando a todos os sentidos: a visão, o ouvido, e até mesmo o tato participam do espetáculo. Ao mesmo tempo a inteligência, a sensibilidade e a imaginação estão também implicadas” (LAZAR, s.d., p. 29).

Por sua vez, os desenhos animados representam páginas marcantes na infância de qualquer ser humano. As pessoas, invariavelmente, revelam-se a partir de conversas em que falam sobre seus personagens preferidos, as histórias com as quais se identificam os desenhos mais estimulantes e os motivos que os levaram a se aproximar de tal ou qual "cartoon".

O primeiro desenho animado moderno pode ter sido Fantasmagorie, do francês Émile Cohl, projetado pela primeira vez em 17 de Agosto de 1908 no 'Théâtre du Gymnase', em Paris.

Desde os clássicos produzidos pela Disney, ainda nos anos 1940 e 1950, como "Branca de Neve e Os Sete Anões", "Fantasia" ou "Pinóquio"; passando pela enorme popularização dos desenhos animados feitos pela Hanna-Barbera na década de 1960 (Os Flintstones, Scooby-Doo, Jonny Quest e tantos outros); vivendo uma pequena entressafra entre os idos dos anos 1970 e a primeira metade da década de 1980; retornando com novos produtos da Disney como "O Rei Leão", "A Pequena Sereia" ou "Mulan"; e chegando ao auge com o surgimento de canais de televisão paga destinados justamente aos amantes das animações (Cartoon Network, Nickelodeon, Boomerang), a paixão pelos desenhos foi contínua e atinge, não apenas as crianças, mas, também, os adultos.

As crianças até os 18 meses de idade têm uma pequena capacidade de concentração, não prestando muita atenção à televisão. Mas aos dois e três anos nota-se já, algum interesse por parte do público infantil. Entre os três e cinco anos, tudo aquilo que é movimentado, e que lhes chama atenção na televisão, já é aprendido. Dos seis aos doze anos, ingressam numa outra fase, onde existe o início de

vício televisivo, imitando já muitas coisas daquilo que observam, levando-as, portanto, à imitação direta, pensando que a televisão reflete a vida verdadeira.

Conforme as etapas do desenvolvimento cognitivo de Piaget, a criança só é capaz de distinguir entre fantasia e realidade a partir dos 12 anos. Para as crianças uma história possui vida própria. Inclusive quando admitem a existência de simulação em alguma história, as incorporam de alguma forma à realidade e, incapazes de fazer abstrações criam um modelo peculiar de realidade (FERRÉS, 1996).

As crianças mais novas vêem os desenhos animados porque eles são como que “codificados”, ou seja, cada ação é feita por efeitos sonoros únicos, chamando a sua atenção. Já as mais velhas não têm espírito crítico, pois, não foi nelas desenvolvido, elas são expostas a realidades que não conseguem perceber, mas aceitam. Neste contexto, há crianças aterrorizadas e, ao mesmo tempo, fascinadas pelo que as aterroriza.

Os desenhos animados exercem sobre as crianças uma ação de captura, sedução e condicionamento, de tal ordem que, ao vê-los, se comparam às necessidades fundamentais, como se alimentar e descontraí-las. Hoje em dia, existem sons muitas das vezes assustadores, ou em contrapartida, silêncios avassaladores, e a iluminação exagerada transmite um ambiente de medo e angústia.

Assim, certos desenhos animados poderão influenciar negativamente as crianças, podendo fazer com que estas exerçam atitudes violentas, idênticas àquelas que viram na televisão, colocando-as em seguida em prática, na vida real. Desta forma, os desenhos animados induzem comportamentos ditos violentos neste grande, mas pequeno público infantil.

O que se nota, no dia-a-dia, é que

“o que acaba prevalecendo são as influências negativas, como a tendência à imitação, submissão, isolamento, apatia, o desenvolvimento do consumo exagerado, da violência, da falta de organização, da atividade sexual precoce e diminuição da comunicação familiar. Diminuição da capacidade crítica, dificuldade para ordenar o pensamento, dispersão, respostas estereotipadas são alguns dos efeitos mais prejudiciais” (LOBATO, MORAES, VANNUCHI, 2003, p. 57).

A violência entre os personagens de desenhos animados pode passar despercebida pelos adultos, ou ser considerada inofensiva. Contudo, cenas violentas podem tornar as crianças habituadas à violência, e para elas isto passaria a ser algo normal. Além do mais, é possível que as crianças imitem a violência dos personagens, porque muitas vezes as cenas são consideradas como engraçadas e sem conseqüências mais sérias.

A criança aprende por experimentação e observação. As reações de adesão ou rejeição dos personagens tendem a serem produzidas mais por envolvimento emotivo que por considerações ideológicas ou éticas. As reações emotivas provocadas pelos personagens induzem as crianças a assumir ou rejeitar os valores por eles representados. Sendo que as crianças aprendem pela contemplação é correto afirmar que estas assimilam o comportamento violento dos personagens dos desenhos animados e os reproduzirão em sua vida cotidiana, nas brincadeiras com outras crianças, no trato e nas atitudes com os seus familiares e demais semelhantes.

Pensando bem, até o desenho animado Bambi pode ser prejudicial à saúde das crianças devido à cena

em que a mãe do protagonista é morta por um caçador e o pequeno chama pela mãe de forma impressionante. "Ouvir o tiro e os gritos de Bambi chamando pela mãe é impressionante" afirma Borges (2005, p. 114).

Nesta perspectiva, veja o que se descobriu: no filme "Mogly", a serpente diz ao menino que olhe em seus olhos, porque levaria para o abismo, de onde jamais poderia sair; no filme "Robin Hood", o herói usa uma bola de cristal para chamar o príncipe das trevas e faz conjuros com os dedos das mãos, sinais reconhecidos como os mesmos utilizados pelos satanistas para invocar demônios; no filme "Hércules", o diabo sai do meio do abismo e diz que seu nome é Hades, o senhor da morte; a capa do vídeo "A pequena sereia" é apontada como pornografia infantil: colunas submersas têm forma de um membro sexual masculino. No filme, na cena do casamento, existem sinais de excitação sexual; no filme "Cinderela", o seu gato se chama Lúcifer; o significado indígena da palavra "Pukahontas" é "espírito invocado do abismo". A garota do filme vai a uma árvore e consulta o espírito de alguém que teria morrido a 400 anos (BORGES, 2005).

Pokémon ("alguns demônios na mochila" - 'poke' = bolso; 'mon', abreviação de 'demon'. 'Pokemon' = demônios de bolso) pode ser uma novidade para os pequenos, mas uma tremenda dor de cabeça para os pais cristãos, todos instigados ao mal e à violência. O jornal Folha de S. Paulo, de 14/2/1999 traz a notícia de 685 crianças japonesas internadas após verem uma cena do monstinho Pikachu na tevê. Naquela noite, centenas de adultos, ao verem a mesma cena no telejornal, também foram internadas com graves distúrbios (BORGES, 2005).

O sucesso da série Pokémon promoveu o gênero e os demais elevaram as apostas em termos de violência. A maioria dos programas é importada diretamente do Japão, onde a tolerância do público para sangue e tripas na televisão tradicionalmente é muito maior do que nos Estados Unidos.

Os programas são repletos de ação: a qualquer momento prédios explodem, golpes são desferidos, armas são disparadas, personagens morrem. O combate pode ser uma constante. Em *Dragonball Z*, a série japonesa mais popular do Cartoon Network, assistido em média em mais de um milhão de lares, Cell, um imperador maligno que ameaça conquistar a Terra, é abordado por um covarde repórter de televisão. Ele golpeia o repórter nas costas, e depois o chuta com tamanha força que o homem voa por sobre o campo indo colidir contra as rochas, presumivelmente morto.

Em um recente episódio de *Digimon*, a série japonesa de maior sucesso na Fox, um personagem do mal, Apocolymon, ataca os jovens heróis com navalhas. A certa altura, ele usa uma rajada de energia para desintegrar seus corpos. O estilo dos desenhos japoneses, chamados "anime", estão influenciando os animadores americanos, cujos novos programas geralmente não são menos violentos do que os (e estilisticamente semelhantes aos) importados do Japão.

Como se pode observar, a maioria dos desenhos animados, atualmente explora a violência explícita. São apresentadas lutas e mais lutas (que atingem especialmente os meninos) e falsas justificativas para esta violência. As crianças assimilam esta pancadaria como justificável e solução para problemas e, não raro, têm este comportamento em casa e na escola, com seus coleginhas. Cria-se toda uma série

de estímulos: álbuns, fantasias, jogos de videogame, cards... E a criança passa o dia inteiro neste mundo imaginário, reagindo no mundo real com as ferramentas que aprendeu nele.

Passam uma imagem onde a violência física (lutas corporais, mortes violentas, ferimentos, explosões, tiroteios, tortura) tende a ser encarada como um elemento natural, comum, presente na via cotidiana (BELLONI, 2001). Isto confirma a tese da banalização da violência como resultado da recorrência de mensagens de violência nas mídias. A violência aparece como demonstração de coragem, de valor e a não-violência, como signo de covardia e caminho para a derrota e a frustração.

Quanto menor e frágil for a criança, maior influência irá sofrer e mais influenciada será em relação aos heróis violentos, isto pela sua fragilidade, que faz com que queira ser mais forte. Esta mesma influência leva-la-á a atos de imitação, fazendo com que construa o seu futuro com base nos seus heróis preferidos, pois “o lugar ocupado pelas emoções na vida das crianças torna-as particularmente receptivas aos efeitos da televisão” (LURÇAT, 1998, p. 117).

Estudos clínicos recentes demonstram que indivíduos expostos a cenas de violência realizada de maneira gratuita podem levá-los a apresentar comportamentos hostis e a “ocorrer uma aceitação maior da violência como forma de resolver situações de conflito” (BORGES, 2005, p. 115).

Belloni (2001) também nos lembra que, do ponto de vista ético, o excesso de imagens violentas na TV tende a legitimar e a naturalizar o uso da violência como meio de resolver conflitos.

A televisão não é apenas onipresente, mas também ocupa um papel proeminente na vida das crianças. A exposição das crianças à violência as afeta de modo negativo. Para Borges (2005) os principais efeitos de ver cenas violentas na TV são: as crianças podem se tornar menos sensíveis à dor e ao sofrimento de outras pessoas; podem se tornar mais temerosas do mundo que as cerca, e podem se tornar mais agressivas.

Apesar das múltiplas causas da violência, a exibição de violência na mídia tem efeitos inequívocos. Há correlações significativas entre a freqüente exposição à violência na televisão e o comportamento agressivo, e as evidências indicam claramente que o último é uma consequência da primeira.

Pois, se as crianças imitam os comportamentos sociais que observam, imitam também os comportamentos violentos e agressivos que vêem nos desenhos animados. Sendo que a televisão, “... não está predestinada a desaparecer e é pouco provável que venha a constituir um ambiente favorável a socialização das crianças” (POPPER, 1995, p. 15). Cabe aos professores o compromisso de orientar os seus alunos, alertando-os quanto a violência existente nos desenhos animados, esclarecendo-lhes que essa atitude não é correta e nem enobrecedora.

Importa, então, conversar com as crianças sobre o que elas assistem na televisão, procurando entender a leitura que elas fazem dos programas e ajudando-as a construírem uma postura crítica, saindo assim do estado de puro encantamento.

Faz-se necessário, ainda, que os cursos de formação de professores, especialmente os de pedagogia,

não excluam o debate acadêmico em torno dessa temática, a exemplo da Faculdade São Luís de França. Afim de que os professores egressos dessas instituições de ensino, ao assumirem a profissão que escolheram, estejam abalizados para melhor compreender e orientar seus alunos quanto à influência negativa dos desenhos animados na sua formação

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

- BELLONI, Maria Luiza. *O que é mídia-educação*. Campinas: Autores Associados, 2001.
- BORGES, MICHELSON. *Nos bastidores da mídia: como os meios de comunicação afetam a mente*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2005.
- BROUGÈRE, G. *A Criança e a Cultura Lúdica*. In: KISHIMOTO, T. M. (Org.). *O brincar e suas teorias*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.
- COSTAS, Jose Manuel Moran. *Como ver televisão - Leitura crítica dos meios de comunicação*. São Paulo: Paulinas, 1991.
- FERRÉS, Joan. *Televisão e educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- LAZAR, Judith. *Escola, comunicação, televisão*. Lisboa: Biblioteca da Educação, s.d. LURÇAT, Liliane. *Tempos críticos: as crianças na tv*. Lisboa: Nova. Biblioteca, 1998.
- LOBATO, Eliane; MORAES, Rita; VANNUCHI, Camilo. Descontrole Remoto - Fictícia real, a violência na tevê afeta o dia-a-dia dos pequenos e deve ser motivo acompanhamento e bate papos entre pais e filhos. *Isto É, São Paulo*, n. 1751, p. 52-57, abril. 2003.
- LOBO, Luiz. *Nem babá eletrônica nem bicho-papão - a criança diante da TV*. Rio de Janeiro: Lidador, 1991.
- JEMPSON, M. Algumas idéias sobre o desenvolvimento de uma mídia favorável à criança. In: CARLSSON, U., VON FEILITZEN, C. (orgs.). *A Criança e a Mídia: imagem, educação, participação*. 2ª ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2002.
- POPPER, K. J. *Televisão: um perigo para a democracia*. São Paulo: Gradativa, 1995.
- OLIVEIRA, P. de S. *Brinquedo e Indústria Cultural*. Petrópolis: Vozes, 1986. ZAVASCHI, Maria Lucrecia. *A televisão e a violência. Impacto sobre a criança e o adolescente*. Porto Alegre : [s.n.], 1998